



SUSIE LINFIELD E A NECESSIDADE DE ENCARAR AS FOTOGRAFIAS DE FRENTE¹

Deysi Oliveira Cioccarì²

RESUMO: As fotografias podem iluminar a escuridão? Podem tornar o mundo mais habitável e dar voz ao silêncio expondo situações de crueldade? Em *The Cruel Radiance – photography and political violence* (ainda sem tradução para o português), Susie Linfield, professora do departamento de jornalismo da Universidade de Nova York, examina o que as imagens fotográficas podem nos dizer sobre o sofrimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Imagem Fotográfica; Pensamento crítico; Susie Linfield.

¹ Resenha do Livro LINFIELD, Susie. *The Cruel Radiance – photography and political violence*. Chicago: University of Chicago Press, 2010, p. 344 páginas

² Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: deysioccari@gmail.com

RESENHA

“O Brilho Cruel” foi escrito em 2010 e analisa, em sua essência, fotografias políticas e de violência. Um livro de crítica e não de teoria. A autora adverte que para alguns críticos da escola de Frankfurt a fotografia foi vista como ópio do povo, como algo que não conseguia explicar as contradições políticas e cita Brecht, que detestava fotografias e as considerava como uma forma de alienação. Ela lembra que críticos consideram a fotografia pornografia, exploração e sensacionalismo. Para esses estruturalistas pós-modernos e, em grande parte, diretamente para Susan Sontag, foi que Linfield escreveu O Brilho Cruel. Para ela, Sontag é a responsável por criar esse ar de suspeita e o receio de explorar as fotografias. E, rebate ainda Roland Barthes, que segundo a autora nos manipula para produzirmos uma resposta desejada, e John Berger, que nos induz ao sofrimento à paralisia em vez da ação.

Para Linfield, a fotografia ainda não foi claramente definida como arte, política ou jornalismo. Ela suscita questões éticas nas intenções. Linfield afirma que existe um consenso no qual não devemos olhar para fotografias que foram feitas, por exemplo, por nazistas pelo fato de serem feitas por assassinos com o intuito de humilhar as vítimas, que representam a exploração e crueldade. Apesar de isso ser verdade, a autora questiona que o silêncio das fotografias muitas vezes revela coisas que seus criadores não pretendiam dizer. Para ela, as imagens revelam o sofrimento das vítimas “de forma muito poderosa e evocativa”. As fotografias tiradas por esses nazistas mostram, ao mesmo tempo, a crueldade dos autores do crime, que é algo que deve ser encarado e também a loucura deles. Fotografia, argumenta ela, tornou-se o principal canal para o público demonstrando os males do mundo, e ilustrando a facilidade com que o corpo humano pode ser mutilado, deixado à fome, espancado, queimado, rasgado, e esmagado.

Mais uma vez, Linfield critica o pensamento de Sontag que diz que devemos ter medo de olhar essas fotos para não nos tornarmos criminosos. Linfield compara as fotos de Abu Ghraib, que mesmo que não sejam equivalentes, também levaram suas vítimas ao horror e humilhação. Para ela, foi necessário que as fotografias tornassem públicas

para que os americanos soubessem que existe uma realidade horrível que estava escondida.

A autora afirma que uma das vantagens da fotografia é justamente essa, a de trazer para perto qualquer coisa que se possa pensar sobre. Linfield diz que as pessoas muitas vezes falam sobre o horror da guerra, e sobre a necessidade de construção de uma política de direitos humanos, em termos extremamente abstratos, mas esquecem que há a necessidade do engajamento e questionamento sobre o que a guerra realmente faz com as pessoas, o que é que a opressão política, o sofrimento e a derrota fazem. Fotografias, mais do que qualquer outra forma de arte ou qualquer jornalismo, oferecem uma conexão imediata, visceralmente emocional para o mundo. É essa conexão emocional com a imagem que está no coração de seu livro, que ela identificou como o "tecido conjuntivo de preocupação" para os outros que engendra a fotografia, como ela o chama para a necessidade de "integrar emoção na experiência de olhar".

As fotografias não podem explicar as complexidades das histórias ou suas causas. As fotografias são vislumbres poderosos, sugestões poderosas. A autora pede para os telespectadores tornarem-se mais pró-ativos em vez de se lamentarem eternamente sobre todas as coisas que as fotografias não podem fazer e não nos dizem, e todos os caminhos que não podem percorrer. Cabe a nós começar uma investigação sobre essas histórias e sobre o que as imagens estão dizendo. Toda imagem de sofrimento não diz somente "isso é", mas também implica em "isto não deve ser", ou "isto está acontecendo" com "isto deve parar".

Ressalta o trabalho do fotógrafo Robert Capa que segundo ela, deixava evidente a ternura e admiração pelas pessoas que fotografava. Linfield dedica alguns capítulos do livro para falar de fotógrafos de guerra que considera icônicos, como Robert e James Nachtwey. E, critica a resistência existente em ver as fotografias, como nas imagens sobre o Holocausto. A autora afirma que é necessário "ver" para poder "transformar" e essa resistência em olhar para as imagens evita o ato de pensar sobre certas coisas.

Além das indicações morais para o fotógrafo, o espectador enfrenta seus próprios dilemas quando se olha para fotos de violência, dor e sofrimento. E um desses dilemas concentra-se na imprevisibilidade das reações.

Linfield afirma que fotografias de sofrimento e violência nem sempre privilegiam, nem devem, empatia e solidariedade. Algumas fotografias não estão devidamente contextualizadas politicamente. A autora fala do quão desconcertante é olhar, por exemplo, para fotografias de crianças-soldados. Vítimas de terríveis crimes são sequestradas e espancadas. Mas também são criminosos. Foram treinados para serem assassinos, para ser sociopatas, e eles mesmos são culpados de estupro e assassinato e mutilação. Em algumas fotografias, eles parecem estar provocando a câmera, desafiando o telespectador. Eles parecem estar se divertindo em seu status de guerreiro. É conflitante de olhar para essas imagens. O mesmo conflito é despertado por algumas fotografias de James Nachtwey, especialmente daquelas que documentam as fomes artificiais na Somália e no Sudão, onde as pessoas estavam irreconhecíveis.

Linfield conclui que ao invés de censurar a nós mesmos, devemos nos permitir experimentar as fotografias, e depois analisar o que significam essas reações. Precisamos olhar para essas imagens com uma mente mais aberta e um coração mais aberto, e permitir-nos um reino livre. Então precisamos fazer o trabalho analítico, o trabalho histórico, o trabalho político. Emoção não é um ponto final, mas pode ser o ponto de partida para investigar o que significa ser uma vítima, o que significa ser derrotado, o que faz da opressão política.

Sua busca é heroica e, se ela tropeça, é na busca de uma visão poderosa e pessoal do potencial e necessidade de fotografia. Como Robert Capa, ela quer que o espectador se conecte a causas “por respeito, solidariedade e autointeresse ao invés de pena ou culpa.” E como James Nachtwey, ela aceita que não há nenhuma lógica pode explicar que, há redenção aguarda Isso tanto sofrimento, mas ainda assim, ela dá testemunho inabalável. A pergunta de encerramento deixa-nos com o paradoxo central da fotografia dos direitos humanos: “Como você vê o invisível?”.